



alberto de lacerda



labareda
poemas escolhidos

SELECÇÃO E PREFÁCIO
LUÍS AMORIM DE SOUSA

COORDENADOR DA COLECÇÃO
PEDRO MEXIA

LISBOA
TINTA-DA-CHINA
MMXVIII

ALBERTO DE LACERDA — UM PREFÁCIO
LUÍS AMORIM DE SOUSA

Para quem o conheceu pessoalmente, Alberto de Lacerda correspondia em pleno à ideia que se tem de um poeta. O facto era indiscutível. Alberto era, para todos, o poeta. Mas um poeta como quem? Dylan Thomas? Pessoa? Apollinaire? Poetas-poetas, todos eles, mas Alberto era diferente. Seria talvez o seu ar solitário? O facto de viver em quartos alugados? Essa maneira de se sentar a um canto de um café a escrever em blocos de papel? O seu olhar ao mesmo tempo perscrutador e longínquo? As suas deambulações pela cidade? A sua «falta de jeito para o negócio»?

Tudo isso contribuía para o retrato que dele o mundo fazia. Mas que retrato? E que mundo? O retrato de um ser imbuído de algo tão evidente como inacessível, e um mundo amplo de amizades e convívios do qual se aproximava com prazer, mas se afastava resolutamente para estar a sós com as musas.

Acima de tudo, Alberto mantinha-se disponível para o poema, e a poesia nunca o abandonou. Visitava-o nos momentos mais banais do dia-a-dia, na intensidade de tudo o que o arrebatava. Tudo tinha expressão poética no mundo íntimo de Alberto de Lacerda.

Nascido na sua «bem-amada Ilha de Moçambique» que descreveu como «Perfume solto no oceano», Alberto de Lacerda partiu no fim da adolescência para uma Lisboa

© 2018, Luís Amorim de Sousa e
Edições tinta-da-china, Lda.
Rua Francisco Ferrer, 6A,
1500-461 Lisboa
Tels: 21 726 90 28/29/30
E-mail: info@tintadachina.pt
www.tintadachina.pt

Título: *Labareda — Poemas escolhidos*
Autor: Alberto de Lacerda
Seleção e prefácio: Luís Amorim de Sousa
Coordenador da colecção: Pedro Mexia
Revisão: Tinta-da-china
Composição: Tinta-da-china (P. Serpa)
Capa: Tinta-da-china (V. Tavares)

1.ª edição: Junho de 2018

ISBN 978-989-671-442-0
DEPÓSITO LEGAL N.º: 441389/18

«invocada até à saciedade» mas «hírtia de uma dor inominada», e de lá com destino a uma Londres que o acolheu «Exactamente / No centro / Da liberdade». Mas foi surpreendentemente em Austin, Texas, que se sentiu mais feliz. De lá trouxe amizades para a vida, muita poesia e uma estupenda edição de poemas traduzidos, *Selected Poems*, com a chancela do Humanities Research Center da Universidade do Texas. Foi lá também que escreveu o seu poema mais breve. Uma única palavra: «Paraíso».

Esse poema está gravado na pedra que assinala a sua campa no cemitério de Brompton. A visão do Paraíso trouxe luz à sua vida, e Alberto telefonava aos seus amigos e dizia frases destas: «Desceu aqui uma luz paradisíaca». O cemitério de Brompton fica em Chelsea, o seu bairro londrino favorito, ao qual dedicou um livro — *Cor: Azul*.

A dedicatória desse livro inclui o nome de uma amiga, Anne Beresford, poeta. Todos os livros de Alberto de Lacerda contêm dedicatórias para amigos. Livros inteiros e poemas soltos. Amigos que eram artistas, poetas, pessoas que admirou e cultivou, outras que amou apaixonadamente, e Mozart, Wolfgang Amadeus Mozart, na companhia de quem celebrava, frequentemente sozinho, a chegada de cada novo ano. A taça que à meia-noite erguia num comovido brinde à paz e à humanidade era bebida ao som de um Divertimento de Mozart, sempre o mesmo, ano após ano: «O divino Divertimento n.º 15».

*

Organizar uma recolha de poemas que faça justiça a um poeta, e neste caso a um poeta injustamente esquecido,

é uma tarefa arriscada. Mas, ao invocar justiça, justiça deve ser feita à Imprensa Nacional-Casa da Moeda, que salvou Alberto de Lacerda de um esquecimento imerecido. Embora se queixasse, gracejando, de que a Imprensa Nacional era «mais um ministério do que uma casa editora», foi lá que Alberto conseguiu ir publicando, e lá também saiu o seu último livro: *Horizonte* (Dezembro de 2001).

Com a publicação do volume *Oferenda I*, Alberto de Lacerda reuniu todos os livros que tinha até então publicado e mais três livros inéditos: *Lisboa*, *Tauromagia* e *Cor: Azul*. Desses três, os dois primeiros vieram a ser publicados posteriormente em edições separadas. *Oferenda II* contém três livros inéditos, *Opus 7*, *Ariel e a Luz* e *Mecânica Celeste*, com poemas escritos entre 1963 e 1970. Cada um destes volumes traz capa e folha interior com retratos de Alberto de Lacerda por artistas seus amigos: Arpad Szenes (dois retratos), Júlio Pomar e Jean Hugo. Alberto orgulhava-se dessas amizades e do cuidado posto nessas edições.

No entanto, aos amigos mais chegados Alberto de Lacerda confiava este lamento: «Há livros meus que nunca tiveram vida própria.» Desses, em meu entender, o caso mais evidente diz certamente respeito a *Mecânica Celeste*, que corresponde à sua estadia em Austin e encontrou o poeta aberto a um mundo de apelos novos. Lá deparou com a agitação causada pela guerra do Vietname, lá viveu amores e fez boas amizades, de lá partiu também à descoberta de outra cidade que também muito amou: Nova Iorque, a sua «Cidade Nadja». Posteriormente, durante os anos em que leccionou em Boston, a cidade de Nova Iorque foi para Alberto um foco de inspiração ao qual nunca resistiu.

Outro lamento de Alberto dizia respeito às datas de publicação dos livros. Alberto tinha sonhado que *Oferenda* fosse um projecto que acompanhasse o seu ritmo criativo. «Uma coisa em continuidade». Mas o sonho era só seu. Os poemas de *Oferenda I*, publicado em Julho de 1984, abrangem o período de 1945 a 1963. Os poemas de *Oferenda II*, dando sequência ao volume anterior, vão de 1963 a 1970. Acontece que este livro só foi lançado em Fevereiro de 1994. Entre a data dos últimos poemas de *Oferenda II* e a publicação do livro decorrem 24 anos de criatividade silenciosa. Segundo as contas que fez, Alberto de Lacerda deixou inéditos para cima de mil poemas.

*

O dia-a-dia de Alberto era propício à poesia. Sem emprego regular, vivendo sobretudo de artigos que escrevia para jornais e de colaborações incertas para a programação em português da BBC, as rotinas que mantinha permitiam-lhe deambular pela cidade. Essas deambulações começavam diariamente no café Picasso, em King's Road, a artéria principal do seu bairro de Chelsea. Não era por acaso que preferia esse café. A biblioteca de Alberto era extensa e variada em matéria de catálogos, biografias e estudos dedicados a Picasso, e ao pintor dedicou variadíssimos poemas. Dois deles, «Picasso» e «Natureza Morta», estão incluídos nesta antologia. Na sua mesa habitual, ao fundo do café, abria o saco de plástico que o acompanhava sempre, retirava o papel e a caneta, e diante de uma chávena de café «só com um pingo de leite» começava o seu dia de trabalho, labor de poeta. Incessante. Ali escreveu cartas e cartas aos

amigos, que, não infrequentemente, interrompia para escrever versos. De Chelsea prosseguia para comprar o jornal e dar começo às voltas que o levavam de museus para livrarias, de galerias de arte para lojas de discos e CDs, de lá para as salas de espectáculos onde consultava atentamente as programações de dança e de concertos, de teatro e de leituras de poesia, e o British Film Institute para ver filmes de *reprise* e outros que não passavam nos cinemas de bairro, que, na realidade, Alberto não frequentava. De tudo o poeta retirava a matéria para os seus poemas. Neles se inscreve uma teia prodigiosa de evocações, referências, meditações, e a solidão que o amargurava.

*

Dos livros que publicou, *Elegias de Londres*, com capa de Paula Rego, é talvez aquele onde o fluir dessas deambulações e as meditações que as acompanharam mais exaltadamente se apresentam. Transcrevo do seu diário:

21 de Abril 1985 — Londres

Escrevi já 10 *Elegias*, numa espécie de êxtase, de febre, de encantamento assustado. Depois de escrever a sétima, em Chelsea, vagueei pelas ruas daquele bairro bem-amado com os olhos continuamente rasos de lágrimas. Mais tarde, em Battersea Park, escrevi a oitava.

À noite, em casa, escrevi a nona, a Mozart. Foi talvez um dos dias triunfais da minha vida.

Mas sei que há mais elegias por vir. Pelo menos quatro. Saudades da Paula.



IMPROMPTU

E assim te foste, luz de vaga-lume,
feita de segredo e brevidade.
Impossível definir aquele perfume
que o teu surgir me trouxe nessa tarde.

VENTO

Que a minha vida fosse para os humanos
como o vento que passa e que se esquece.

27.6.1945

OS POETAS E OS AMANTES

Ignoram e sabem. São o vento
que orienta os caminhos verdadeiros.
Redentores dos deuses nos humanos,
ei-los —
a fúria solene das noites que amanhecem,
as lágrimas dos olhos ignoradas,
a doçura das praias que prosseguem,
conservando na areia, durante algum tempo,
os passos humanos.

DIA

És afinal o vento que veio destruir
a nuvem de presságio que eu soube desde sempre
que não nos pertencia.

Repetes
junto dos deuses
a luz do que em nós foi
confusamente humano.

Nas minhas mãos
como se eu fosse a vida
aqueço e esfrio o teu rosto ardente de astros.

Filhos cegos dos gregos,
a noite do seu Dia é que nos vê.

O MARINHEIRO NA CIDADE

Qualquer coisa recorda nele
a força do vento e as ondas do mar:
o ar desprendido de adolescente
e a pureza intacta do olhar.

SONATA

Ao António Ramos Rosa

I

Horas de graça violentas
que dantes me visitavam,
oh difíceis companheiras
aéreas e marinheiras
agora que o mar e o ar
são longínquos paraísos
que eu não sei imaginar.

II

Flor eterna, meio dia,
mar antigo, alma diurna, —
hei-de voltar, Fantasia,
voltar a ser a alegria
que se soltava na bruma
por completo a desfazia
até ser naquele templo
aquela mesma coluna.

BACH

No claro silêncio desnudo,
a Geometria dança livremente.

Eu sinto, eu creio, eu canto, e a luz é tanta
que a sala se esboroa por completo
e o céu cobre, em palácio, o mundo inteiro.

Sou a recta sublime que se cumpre
desde o centro da terra ao infinito.

ÊXTASE

E estando juntos destruímos portas
somos o equilíbrio das forças reclinadas

devassamos o corpo como um mito

De puro ardor hei-de morrer ao fim
do meu sonho mais fino e mais fiel;
de puro ardor, de puro amor humano
e divino.

Depois de toda a terra e todo o céu,
morrerei
possuído somente
das águas do destino.

Há dias inalcançáveis e sós como as estrelas,
vivendo unicamente
de alguns versos mortais.

Na noite de todos os tempos
eu queria gravar a luz do teu rosto.

Dezembro de 1953

Ali onde sem nome a pátria escura
me repete onde nasce a Primavera,
ao silêncio do dia que não espera
eu dou a voz subitamente pura.

Horror que foge sempre e que perdura,
muro imortal amando a própria hera,
assim eu oiço o anjo além da fera,
suave luz queimando a noite dura.

Surge um fogo sem espanto, negro e alvo.
Dissolve-se a montanha. Totalmente.
Alguém que me seguia já está salvo.

E fico só. E canto. E sigo em frente.
Ao fim da minha voz encontro o alvo
onde os deuses a ferem mortalmente.

20.2.1954

1928

Carlos Alberto Portugal Correia de Lacerda nasce a 20 de Setembro na Ilha de Moçambique, último filho de Carlos Augusto Portugal Correia de Lacerda e Leopoldina dos Santos Madeira Correia de Lacerda.

Vive com a família em diferentes postos administrativos da então colónia de Moçambique, até ser levado para Lourenço Marques, onde frequenta o Liceu.

Publica os primeiros poemas com a idade de 14 anos.

1946

Parte para Lisboa. Prossegue estudos no Instituto Britânico e na Alliance Française.

1947

Luís de Montalvor aceita para publicação o livro *Ponte Suspensa*, que não saiu devido à morte inesperada do editor.

1951

Os *Cadernos de Poesia* dedicam-lhe um número inteiro.

Parte para Londres em cumprimento de um contrato de trabalho como locutor e redactor do serviço português da BBC. Relaciona-se com figuras destacadas nos meios culturais britânicos.

1952

Através de Edith Sitwell, conhece T.S. Eliot e Dylan Thomas.

1954

Termina o seu contrato de trabalho na BBC. Permanece em Londres, sobrevivendo como jornalista e locutor em regime *freelance*. Escreve para o *Diário de Notícias* e o *Diário Popular*.

1955

Publica *77 Poemas*, numa edição bilingue da casa Allen & Unwin, em tradução do autor e de Arthur Waley, que também escreve o prefácio. Os poemas de *Ponte Suspensa* constituem a primeira secção do livro.

1956

Contribui para a programação do Terceiro Programa da BBC, com três programas dedicados à poesia portuguesa. Nesse programa, Fernando Pessoa é trazido pela primeira vez ao conhecimento do público de língua inglesa.

Luís Rosa, meio-irmão de Fernando Pessoa, residente em Inglaterra, ouve o programa e envia-lhe uma carta de agradecimento.

1959-1960

A convite de Manuel Bandeira, faz uma visita de três meses ao Brasil, preenchida com palestras e leituras. Relaciona-se com as figuras principais do modernismo brasileiro. Oscar Niemeyer leva-o a ver Brasília, em fase de construção.

1961

Publica *Palácio*, na editora Delfos.

Continua a residir em Londres, sobrevivendo com dificuldade, mas sem deixar de participar na vida cultural da cidade. Colabora com prestigiadas revistas inglesas e internacionais.

1963

Publica *Exílio*, na Portugália Editora, colecção Poetas de Hoje. Prefácio de António Ramos Rosa.

1967

A convite da Universidade do Texas, parte para Austin, onde orienta cursos de Português, Francês e Literatura Comparada. Relaciona-se com Octavio Paz e Marie Jo Paz, sua mulher.

1969

Visita o México, onde, inspirado pelos vestígios das civilizações maia e azteca, escreve o livro *Trinta e Quatro Poemas Mexicanos ou a Genealogia do Tempo*, que permanece inédito.

Ao lado de Octavio Paz, organiza e colabora num festival internacional de poesia em Austin, no qual participam também Jorge Luis Borges, Czesław Miłosz, Robert Duncan, Louis Zukofsky, David Wevill e Robert Creeley, entre outros.

Publica *Selected Poems*, edição bilingue em tradução do autor e de outros poetas de língua inglesa, na Tower Series da Texas University Press.

1970-1972

Regressa a Londres, onde retoma a sua vida *freelance*. Muda de casa para 48A Primrose Mansions, Prince of Wales Drive, na margem sul do Tamisa. Com essa mudança, deixa de viver em Chelsea, o seu bairro preferido, ao qual dedicou um livro. O prédio onde reside fica entre duas pontes: Chelsea Bridge e Albert Bridge.

1972-1996

É convidado para leccionar na Universidade de Boston. Reencontra Octavio Paz e Roger Shattuck, e trava novas amizades. Dá-se com Jorge Guillén, Roman Jakobson, Anne Sexton, Elizabeth Bishop e outras figuras da cena literária da Costa Leste dos Estados Unidos. Continua a publicar poesia e crítica de arte em revistas internacionais.

1973

Lança a revista *Maio*, com poemas originais em quatro línguas. São colaboradores do único número Jorge Guillén, Murilo Mendes, Octavio Paz, Mário Cesariny, Augusto de Campos, Anne Beresford e Dominique Fourcade, entre outros. Capa com letras de Jorge Guillén.

1977

É, até hoje, o único poeta português a fazer uma leitura pública na Biblioteca do Congresso, em Washington, e grava uma selecção de poemas para os arquivos sonoros daquela instituição.

1981

Publica *Tauromagia*, na editora Contexto, com ilustrações de Júlio Pomar. O livro é dedicado a Arpad Szenes.

1984

Publica *Oferenda I*, com capa de Arpad Szenes, numa edição da Imprensa Nacional/Casa da Moeda, que reúne os seus livros anteriores, acrescentando o poema *Lisboa* e o volume *Cor: Azul*, ambos inéditos até então. A partir desse momento, o seu editor regular passa a ser a IN/CM.

1987

Expõe parte da sua colecção particular no Centro de Arte Moderna da Fundação Calouste Gulbenkian. A exposição *O Mundo de Um Poeta* causa sensação no meio artístico lisboeta. Expõe colagens de sua autoria na Sociedade Nacional de Belas Artes. Publica *Elegias de Londres*, com capa de Paula Rego. Publica o poema *Lisboa* numa edição especial, com capa e gravura original de Vieira da Silva.

1988

Publica *Meio-Dia* na Assírio & Alvim. O livro é distinguido com o Prémio do Pen Clube.

1991

Publica *Sonetos*, numa edição de autor impressa em Veneza (Centro Internazionale della Grafica), com capa de Vieira da Silva. Este livro nunca teve distribuição comercial.

1994

Publica *Oferenda II* (IN/CM), volume constituído por três livros inéditos: *Opus 7* (1965), *Ariel e a Luz* (1967) e *Mecânica Celeste* (1970).

1996

Reforma-se da Universidade de Boston na categoria de Professor Emérito de Poética. Regressa a Londres definitivamente.

1997

Publica *Átrio* (IN/CM), com capa de Adrien de Menasce.

2001

Publica *Horizonte* (IN/CM), com capa de Arpad Szenes.

Os seus últimos livros são recebidos em silêncio. Isola-se, mas continua a fazer os seus percursos pelos teatros, salas de concertos, museus, galerias, antiquários e livrarias de Londres.

2007

É encontrado em coma no seu apartamento de Primrose Mansions. Levado para o hospital, morre a 27 de Agosto.

Alberto de Lacerda está enterrado no Cemitério de Brompton, em Chelsea. A sua presença em Londres está visualmente representada nos murais de Paula Rego no restaurante da Sainsbury Wing do museu National Gallery, e como modelo para um dos painéis do pintor australiano Edgar Ritchard, na sacristia da igreja Brompton Oratory. Junto à sua mesa preferida no restaurante Caprini, na vizinhança do Royal Festival Hall, Alberto de Lacerda é igualmente lembrado com uma fotografia e o poema «Êxtase», escrito na Ponte de Waterloo.

ÍNDICE

Alberto de Lacerda — um prefácio <i>Luís Amorim de Sousa</i>	5
---	---

de *77 Poemas* (1955), incluído em *Oferenda I* (1984)

Impromptu	15
Vento	16
Os poetas e os amantes	17
<i>És afinal o vento que veio destruir</i>	18
Dia	19
O marinheiro na cidade	20
Sonata	21
Bach	22
Êxtase	23
<i>De puro ardor hei-de morrer ao fim</i>	24
<i>Há dias inalcançáveis e sós como as estrelas</i>	25
<i>Na noite de todos os tempos</i>	26
<i>Ali onde sem nome a pátria escura</i>	27
Homenagem a Piero della Francesca	28

de *Palácio* (1961), incluído em *Oferenda I* (1984)

<i>Esta sombra</i>	31
Lugar comum	32
O tigre que caminha	33
If	34
Opus 2, n. 30	35

Devagar	36
Sonata incompleta	37
Opus 2, n. 51	38
D.	39
Ruínas de um soneto	40
Hoje	41
Ma chanson de Paris	42
Londres	44
No túmulo de Mário de Sá-Carneiro	45
<i>de Lisboa (1981), incluído em Oferenda I (1984)</i>	
.....	
Lisboa [fragmento]	46
<i>de Tauromagia (1981), incluído em Oferenda I (1984)</i>	
.....	
José Júlio	49
Touro I	51
Touro e toureiro	52
Touro parado na arena	53
<i>de Exílio (1963), incluído em Oferenda I (1984)</i>	
.....	
De novo a maravilha	54
Quando em silêncio	56
Foi uma sombra	57
Poema invisível	58
A língua portuguesa	59
Lago Niassa	61
Exílio	63
Meio-dia	64
Grito	65
Lourenço Marques revisited	66
Mandimba Metónia Vila Cabral	67

A Mouzinho de Albuquerque	68
Outros sons	69
Moçambique	70
<i>de Cor: Azul, incluído em Oferenda I (1984)</i>	
.....	
Declaração	71
Fechei os olhos	72
Há dias	74
A energia das ruas	75
Onde o teu centro	76
Aos deuses	78
A chama selvagem	79
Sonata quase uma fantasia	80
Um deus	81
O atleta	82
Chelsea	83
<i>de Elegias de Londres (1987)</i>	
.....	
Primeira elegia	84
Segunda elegia	86
Terceira elegia	91
Sexta elegia	94
Sétima elegia	99
Décima segunda elegia	106
Décima terceira elegia	111
Décima quarta elegia	121
<i>de Meio-dia (1988)</i>	
.....	
Austin revisited	127
Austin	128
Perder-te eu nunca	129

<i>Imagens se atropelam</i>	131
<i>Ver</i>	133
<i>Fitei o mal</i>	135
Walt Whitman dá-me a tua mão	137

de *Sonetos* (1991)

Soneto 1	141
Soneto 3	142
Soneto 4	143
Soneto 12	144
Soneto 20	145
Soneto 21	146
Soneto 41	147
Soneto 89	148
Soneto 107	149
Soneto 108	150
Soneto 125	151
Soneto 142	152

de *Opus 7*, incluído em *Oferenda II* (1994)

Novembro	153
<i>Noite noite noite lentamente</i>	154
Nessa noite	155
Love poem	156
Picasso	158
<i>Ó canção que eu persigo</i>	159
Atelier de Arpad Szenes	160
<i>Belo animal sombrio</i>	161
As pontes visíveis e as invisíveis	162

de *Ariel e a Luz*, incluído em *Oferenda II* (1994)

O του λονδινιου βασιλευς	163
Ritual of purification	165
<i>Da tua chama em pura ausência escrita</i>	166
Túmulo de Safo	167
Sequência	168
<i>Estás hoje em toda a parte como o vento</i>	169
<i>E aqui estou</i>	170
<i>És mais profundo do que tu</i>	172
<i>Por ti aprofundei de forma inverosímil</i>	173
<i>Amei-te mais do que os deuses mereciam</i>	174
Hino ao vinho	175
Diónisos	176
<i>Eu queria ver amanhecer as superfícies de metal</i>	177

de *Mecânica Celeste*, incluído em *Oferenda II* (1994)

<i>A separação</i>	178
Nada	179
Iniciação	180
<i>Hei-de passar</i>	181
<i>É o ponto suspenso, o terraço</i>	182
No palácio de Adriano	183
Palácio de Piero della Francesca	184
Homenagem a Vieira da Silva	185
Fotografias de Cecília Meireles e Manuel Bandeira com espelho ao meio	186
Da política de boa vizinhança	188
Uma índia do pueblo de Santo Domingo	190
Marcha da paz	192
O princípio do fim	196
Saying good-bye to San Francisco	198

de *Átrio* (1997)

<i>A laranja no meio da mesa</i>	199
Díptico para Bill Evans	200

de *Horizonte* (2001)

<i>Tudo o que vier</i>	201
Washington revisited	202
Natureza morta	205
Iniciais	206
<i>O arbitrário da dúvida ferindo</i>	209
João Cabral	210
Interlúdio	211

de *O Pajem Formidável dos Indícios* (2010)

Londres reencontrada	212
Unidade	213
The gift of tears	214

de *A Luz Que Se Escondeu no Escuro* (2016)

<i>Aqui</i>	217
-------------	-----

POEMAS INÉDITOS

<i>Os ossos do homem</i>	221
<i>Um sol interior</i>	222
Nó	223
<i>Imóvel</i>	224
Soneto dos cinquenta anos	225
<i>O ar quieto</i>	226

<i>E vejo o paraíso desdobrando</i>	227
<i>Cintila</i>	228
To Bettina	230
<i>Estou preparado para tantas surpresas</i>	231
<i>Reencontro a estrada</i>	232
<i>As tuas cartas reproduzem</i>	233
<i>As palavras surgem do teu corpo</i>	234
Espanha — 1989	235
<i>O pudor imenso</i>	237
Sense of glory	238
Alhambra	239
Waterloo	240
Em Boston, U.S.A.	241
<i>O gesto arrependido vai impondo</i>	243
Nocturno da Graça e da Mouraria	244
<i>A esperança toma às vezes forma humana</i>	246
Poesia	247
Au bois dormant	248
Ala que se faz tarde	249
<i>O equilíbrio instável de um momento</i>	251
<i>Os enigmas avultam. E a estrada</i>	252
<i>A luz que ali sondara seus limites</i>	253

Que os meus poemas	255
--------------------	-----

Alberto de Lacerda — uma cronologia	259
-------------------------------------	-----



labareda
poemas escolhidos

de Alberto de Lacerda

foi impresso na Guide, Artes Gráficas,
em papel CoralBook de 90 g, em Maio de 2018.